

PRISÃO DE OLIVEIROS



LEANDRO GOMES DE BARROS

Props: Filhas de José Bernardo da Silva

A Prisão de Oliveiros

Quem leu a batalha horrenda
de Oliveiros e Ferrabraz
não deve ignorar mais
o que é uma contenda
vê uma luta tremenda
como se ganha vitória
pode guardar na memória
o combate mais horrível
parece até impossível
o passado desta história

Ferrabraz era um gigante
de corpo descomunal
como nunca teve igual
no reino do almirante
ele só, era bastante
para cinco mil guerreiros
oito, dez mil cavaleiros
morreram pelas mãos dele
e só tirou sangue nele
a espada de Oliveiros

Oliveiros aquele braço
não se curvava em perigos
e nunca achou inimigos
que lhe fizesse embaraço
aquele pulso de aço
mão que sempre foi temida
para as guerras escolhida
e por Deus abençoada
nunca desceu a espada
que não tirasse uma vida

Ferrabraz como um leão
 afrontava a própria morte
 era a celuna mais forte
 do almirante Balão
 tinha nobre o coração
 e era civilizado
 nas armas disciplinado
 tinha força e energia
 em toda parte que ia
 mostrava ser ilustrado

Como também Oliveiros
 no valor e na ação
 Guy de Borganha e Roldão
 e os mais seus companheiros
 desses 12 cavalheiros
 um só não torcia o braço
 um deles não dava 1 passo
 que não achasse perigos
 espadas dos inimigos
 pra eles não tinham aço

Oliveiros e Ferrabraz
 que aspiravam um despeito
 pegaram-se peito a peito
 como dois leões brutais
 ali ninguem chegou mais
 foram os dois lutar a sós
 ninguem ouvia uma voz
 fogo das armas saía
 e dos dois ninguem sabia
 qual seria o mais feroz

Leiam com toda atenção
 a vida de Ferrabraz
 vejam como são iguais
 ele, Oliveiros e Roldão
 o almirante Balão

(3)

tinha nele tal fiança
dizia que toda França
se tornaria impotente
porque Ferrabraz somente
servia de segurança

Carlos Magno também
tinha 12 cavalheiros
como outros iguais guerreiros
o mundo hoje não tem
nunca temeram a ninguém
segundo diz a história
tinham as espadas a glória
nunca torceram perigo
nunca foram ao inimigo
que não contassem vitória

No dia em que Oliveiros
deixou Ferrabraz vencido
foi de novo acometido
por 10 mil turcos guerreiros
ele e quatro cavalheiros
que chegaram em seguida
a força turca previda
prendeu todos cavalheiros
porem só por Oliveiros
ficaram 3 mil sem vida

Não puderam resistir
os cavalheiros de França
sem cavalo, espada e lança
sem ter com que se cobrir
veio a noite os confundir
com a negra escuridão
perderam de tudo a ação
foram presos os cavalheiros
levaram os prisioneiros
ao almirante Balão

Assim mesmo se Oliveiros
não estivesse desmontado
além disso, desarmado
ele e todos companheiros
se dois ou três cavalheiros
os tivessem socorrido
com boas armas o mundo
o combate iria avante
o povo do almirante
não o teria prendido

Porem a luta era horrenda
e os cavalheiros poucos
os turcos como uns loucos
davam batalha tremenda
naquela infeliz contenda
Oliveiros tropeçou
num cadáver que encontrou
quando dez turcos chegaram
as mãos atrás lhe amarraram
ele sem ação ficou

Os turcos esfameados
pelo sangue de Oliveiros
vendo os 5 cavalheiros
em seu poder escoltados
sairam recompensados
por aquela heróica ação
julgavam pagar a prisão
do herói rei dos guerreiros
o maior dos cavalheiros
do almirante Balão

E seguiram os cavalheiros
cruelmente maltratados
levando os olhos tapados
o grande e nobre Oliveiros
os outros prisioneiros

com as mãos atadas atrás
 correndo a tudo e a mais
 ao almirante Balão
 para vingar a prisão
 de seu filho Ferrabraz

E naquela multidão
 levando-os prisioneiros
 entregou os cavalheiros
 ao almirante Balão
 ele lá como um leão
 em desesperos fatais
 igualmente a satanás
 no dia que o céu perdeu
 disse: desses quem venceu
 o meu filho Ferrabraz?

Disse um dos exaltados
 examinando primeiro:
 é aquele cavalheiro
 que traz os olhos vendados
 estes cinco celerados
 é custoso de os vencer
 é escusado dizer
 da forma qu'eles lutaram
 e dez mil vidas custaram
 para poder se prender

O rei fez uma mudança
 perguntou a Oliveiros
 se eles eram cavalheiros
 dos 12 pares de França
 Oliveiros sem tardança
 disse: nós somos soldados
 muito pouco exercitados
 somos todos de Lorenda
 para a primeira contenda
 agora fomos chamados

Ordenou o almirante
 que para o campo os levassem
 e todos cinco matassem
 por um meio agonisante
 ali lhe disse Burlante:
 meu plano não é capaz
 creio que lucravas mais
 mandar por dois mensageiros
 trocar esses cavalheiros
 por teu filho Ferrabraz

 O almirante Balão
 achou bom o parecer
 deu ordem a recolher
 os cavalheiros à prisão
 num cárcere de escuridão
 onde matavam os tiranos
 os turcos bárbaros, profanos
 os puseram em enxovia
 aonde o curso de um dia
 parecia dez mil anos

Esse cárcere agonisante
 prisão asquerosa e fria
 encostada à moradia
 da filha do almirante
 cuja alma interessante
 dava ao mundo u'a esperança
 conservava na lembrança
 idéia pura e risonha
 amava a Guy de Borgonha
 um cavalleiro de França

 Amava ela ao vassalo
 do imperador francês
 que vendo a primeira vez
 não pode deixar de amá-lo
 quando ele entrou a cavallo

em Roma, numa corrida
 deixou-a surpreendida
 o toque de uma paixão
 deu a ele o coração
 arriscando a própria vida

Floripes não conhecia
 como o amor tem poder
 logo aí pode saber
 quando ele tem energia
 sendo ela da Turquia
 seu pai era um rei pagão
 não tinha religião
 era um perigo profundo
 por todo ouro do mundo
 não dava ela a um cristão

Oliveiros recolhido
 naquele horrível tormento
 o seu maior sofrimento
 era o corpo está ferido
 ele exclamava sentido:
 meu Deus, olhai para mim
 não devo viver assim
 de lá da eternidade
 mandai com mais brevidade
 a morte trazer meu fim!

— Antes tivesse eu morrido
 pelas mãos de Ferrabraz
 o guerreiro mais capaz
 dos que a Turquia tem tido
 outro igual não foi nascido
 se nasceu, não foi criado
 guerreiro nobre e honrado
 espada que vale um pôrto
 se ele tivesse-me morto
 eu estava consolado!

Floripes então pode ouvir
 Oliveiros exclamar
 desceu e foi indagar
 quem estava a se concluir
 diz Brutamonte a sorrir:
 aquele é um dos tais
 do povo de satanás
 que tanto nos ofendeu
 está até o que venceu
 o vosso irmão Ferrabraz

—Abre a porta da prisão
 (disse ela ao carcereiro)
 quero ver o cavalheiro
 que faz essa exclamação...
 disse Brutamonte: não;
 isso eu não posso fazer
 sob pena de morrer
 teu pai me recomendou
 pessoalmente ordenou
 não deixasse alguém o ver

—Abre esta porta, vilão!
 Floripes lhe replicou
 quando o turco se abaixou
 para abrir o alçapão
 ela meteu-lhe um bastão
 deixando-o morto por terra
 dizendo: neste se encerra
 um de mais plano formado
 matei o mais desgraçado
 que vinha me fazer guerra
 Tudo assustado ficou
 daquela ação qu'ela fez
 e ela por sua vez
 daquilo não se alterou
 com toda calma falou

a todos prisioneiros
 perguntou a Oliveiros
 quem era que estava ali
 um deles lhe disse: aqui
 somos cinco cavalheiros

Ela com fala bem mansa
 perguntou a Oliveiros:
 quem são esse cavalheiros?
 —Somos naturais de França
 que estamos sem esperança
 de sair desta prisão
 ela perguntou; então
 de vós quem batalha deu
 e nessa luta venceu
 a Ferrabraz meu irmão?

—Fui eu; lhe disse Oliveiros
 numa batalha leal
 que tendo sangue real
 fiz como os nobres guerreiros
 a hoste dos cavalheiros
 quis fazer de mim pagão
 eu sem vileza e traição
 lutei, ele foi vencido
 e hoje está convertido
 batizou-se e é cristão

Floripes então perguntou
 como quem se interessava
 se Guy de Borgonha estava
 disse Oliveiros: ficou;
 ali ela confessou
 a sua grande paixão
 disse: meu pai é pagão
 se souber vai castigar-me
 vocês poderão levar-me
 para a terra de cristão?

Disse Oliveiros: senhora
 pelas graças recebidas
 nós arriscamos as vidas
 vos servimos a toda hora
 manda-nos soltar agora
 e dê com que nos armar
 pode nos acompanhar
 descanse o seu coração
 que o almirante Balão
 vê-la e não pode tomar

Floripes lhe disse all:

eu os ponho em liberdade
 venho soltá-los mais tarde
 esperem por mim aí
 eu me retiro daqui
 pode alguém me ver falando
 e aqui me demorando
 pode alguém desconfiar
 de noite os venho tirar
 fiquem aqui esperando

Ficou em ânsia Oliveiros
 mas à noite ela voltou
 com uma corda tirou
 todos cinco cavalheiros
 todos os prisioneiros
 foram por ela levados
 cearam e foram curados
 de boas armas munidos
 todos cinco prevenidos
 para se fossem atacados

Floripes comunicou

à sua velha criada
 a velha ficou zangada
 na mesma hora jurou
 Floripes a empurrou

de uma alta janela
 ficando livre daquela
 donde o mal podia vir
 depois da velha cair
 embaixo enterraram ela

O almirante Balão
 ordenou que quinze reis
 fossem todos duma vez
 ao imperador cristão
 e disse: diga então
 que eu mando-lhe dizer
 que ele mande trazer
 um filho qu'ele tem lá
 que eu lhe mando de cá
 os que tem em meu poder

—E se não quiser fazer
 o que lhe mando pedir
 ao seu reino hei de ir
 com meu exército e poder
 e ele então há de ter
 uma morte rigorosa
 uma sentença penosa
 ele tem que experimentar
 ou faz a fim de escapar
 a fuga mais vergonhosa

Então nesse mesmo dia
 Carlos Magno chamou
 sete pares e mandou
 com u'a embaixada à Turquia
 na embaixada dizia:
 vocês digam ao Balão
 que trate de ser cristão
 e mande meus cavalheiros
 eu não quero meus guerreiros
 presos em poder de pagão

Esses quinze reis guerreiros
 vassallos do almirante
 já de águas mortas distante
 encontraram os cavalheiros
 insultaram os mensageiros
 do imperador cristão
 perguntaram: aonde vão?
 que vão ver por esta estrada?
 diz Roldão: levo embaixada
 ao almirante Balão

—Não podemos acreditar;
 (disseram os embaixadores)
 vocês são salteadores
 e querem se disfarçar
 nós havemos de os levar
 ao almirante Balão
 que numa escura prisão
 há de os mandar encerrar...

—Então podem se aprontar!
 gritou-lhe alto, Roldão

Quando Roldão proferiu
 puxou logo pela espada
 deu num, uma cutilada
 que até aos peitos partiu
 outro rei turcos acudiu
 porem ele não torceu
 todos os golpes que deu
 foram bem aproveitados
 quatorze foram lascados
 escapou um que correu

Atrás desse que correu
 foi Ricarte perseguindo
 o turco se escapulindo
 pela mata se escondeu
 nas montanhas se meteu

ganhou a uma solidão
serviu-se da escuridão
da noite que o protegia
para contar o que havia
ao almirante Balão

Quando Ricarte voltou
disse a um dos cavalheiros:
não temo os aventureiros
que no campo se matou
receio e que escapou
pela colina do monte
que vá hoje mesmo e conte
ao almirante Balão
e seja essa a razão
de passarmos pela ponte

Ali respondeu Roldão:
ora, porque não se passa
vocês verão a desgraça
que eu faço na guarnição
o almirante Balão
bote os soldados que tem
porque eu juro também
ficar a terra arrasada
ele dá-me a embaixada
ou sua cabeça vem

Ali todos se montaram
armados heroicamente
levando como presente
as cabeças que tiraram
em seus alforjes botaram
não deram satisfação
seguiu na frente Roldão
a pessoa encarregada
de entregar a embaixada
ao almirante Balão

Ali havia uma ponte
 a de Montible chamada
 o rei não dava entrada
 por fora existia um monte
 dum altura sem desconte
 como outra não havia
 e na porta era vigia
 um descomunal gigante
 de quem só o almirante
 a ponte confiaria

Existe um portão enorme
 com 3 arcos de ouro puro
 e quem o faz mais seguro
 é um gigante disforme
 dum aspecto desconforme
 e um gesto repugnante
 é musculoso e possante
 são brutas as suas maneiras
 a quem defende as fronteiras
 das terras do almirante

Disse Roldão. vou falar
 ver se ele abre 1 pouquinho
 se eu entrar faço caminho
 que tudo pode passar
 se ele quiser cobrar
 a quantia estipulada
 depois de eu ter entrada
 então eu lhe digo: oh! bruto
 eu trago aqui teu tributo
 na bainha da espada

Disse o duque de Nemé:
 paciência, meu amigo
 deixa a empresa comigo
 não desespere da fé
 eu sei isso como é

e devemos nos conter
tambem precisa saber
que à pessoa alguma agrada
dar uma grande pancada
e outra igual receber

—Deixa, eu sigo na frente
então direi ao gigante
que vamos ao almirante
deixar um rico presente
e uma embaixada urgente
ao almirante Balão
ele vendo a razão
talvez nos deixe passar
assim podemos chegar
sem precisar de questão

Bateu o duque e chamou
pelo nome do gigante
e esse no mesmo instante
na porta se apresentou
abriu um postigo, olhou
viu tudo de espada e lança
o duque com a fala mansa
disse: queremos entrada
pois levamos embaixada
do imperador de França

Disse Galafre: precisa
pagar tributo de entrada
uma soma exagerada
só passa quando indeniza
antes de entrar, avisa
ao almirante Balão
ver se ele consente ou não
que lhe leve a embaixada
ou se possa dar entrada
a um embaixador cristão

Disse o duque: tem razão
 porem nós somos decentes
 levamos ricos presentes
 ao almirante Balão
 deixe passarmos então
 nós e tudo nosso em paz
 o comboio vem atrás
 nós vamos logo na frente
 procurar onde aposente
 nós e nossos animais

Disse Galafre: há de dar
 três arcos de ouro maciço
 sem haver abate nisso
 aqui mesmo há de entregar
 disse o duque: hei de pagar
 inda sendo nove ou dez;
 disse o gigante: tu és
 um destemido vassalo
 por cada pé de cavalo
 hás de pagar cem mil réis

—Todo cristão que aqui passa
 o que não quiser morrer
 é obrigado a trazer
 cem pares de cães de caça
 e tudo de boa raça
 que sejam bem amestrados
 trinta arcos bem lavrados
 de pedras especiais;
 tudo isto quem vem traz
 do contrário é devorado

—É a quantia exigida
 de quem aqui quer passar
 é obrigado a pagar
 do contrário perde a vida
 a pessoa é concluída

em cima daquele monte
 um gancho sobre uma fonte
 eu mandarei enfiar
 depois mando pendurar
 nas almeias desta ponte

Disse o duque: sim senhor
 eu e os meus companheiros
 somos sete cavalheiros
 de muito alto valor
 e o nosso imperador
 nos mandou a comissão
 ao almirante Balão
 uma embaixada levar
 nos ordenou a pagar
 o que fosse de razão

—Nosso comboio há de vir
 chegando, deixe-o passar
 depois hei de lhe pagar
 o que o senhor exigir
 queremos que o deixe ir
 às tendas do almirante
 pois um presente importante
 a ele vamos levar
 havemos de lhe pagar
 de nós, dele, assim por diante

Galafre os deixou passar
 e todos sete partiram
 pela estrada seguiram
 sem nada os incomodar
 estava um a olhar
 mas quieto a sangue frio
 Roldão sem mais desafio
 lançando a mão à espada
 partiu-o com u'a cultilada
 botou-o morto no rio

Os cavalheiros chegaram
 já da meia-noite por diante
 à hora em que o almirante
 já tinha se agasalhado
 tinha há pouco se deitado
 não quis se levantar mais
 disse consigo: é capaz
 de Carlos Magno mandar
 seus cavalheiros buscar
 e me trazer Ferrabraz

O almirante Balão
 tinha há pouco se deitado
 soube que tinha chegado
 na côrte um povo cristão
 disse o almirante: então
 não devo me vexar mais
 são homens especiais
 que vêm como mensageiros
 ver se eu dou os cavalheiros
 por meu filho Ferrabraz

Ordenou que agasalhasse
 muito bem os cavalheiros
 veja que aos mensageiros
 cousa alguma não faltasse
 depois que tudo ceasse
 desse-lhes cama decente
 pois encarecidamente
 ordenava que os tratasse
 e que tudo ali achasse
 a noite muito excelente

O mestre-sala os botou
 cada um num aposento
 e todo aquele armamento
 o mestre-sala guardou
 nem um deles se lembrou

que o rei podia chegar
e ao almirante contar
todos os fatos passados
mas estavam enfadados
só pensaram em se deitar

Então foram agasalhados
todos esses mensageiros
porem todos cavalheiros
um dos outros separados
todos esses desarmados
nem um com arma ficou
de madrugada chegou
o rei que tinha escapado
contando muito cansado
tudo quanto se passou

E disse: esses desgraçados
que aos 14 reis mataram
são uns que há pouco chegaram
estão aqui agasalhados
vinham ontem aglomerados
nos agrediram no caminho
momento ingrato e mesquinho
tudo nos fechou os portos
ficaram 14 mortos
só eu escapei sozinho

Ali logo o almirante
quase morre de paixão
lançou logo a maldição
em Mafama e Tarvagante
acudiu no mesmo instante
o mestre-sala, falou
Brutamonte o animou
e lhe disse: sua alteza
eu tenho toda certeza
Mafama não o deixou

—Apolim e Tarvagante
 dois deuses teus protetores
 os quais recebem favores
 de vós a qualquer instante
 Mafama é um Deus constante
 protege aos reis anciãos
 trata os reis por seus irmãos
 deixou teu povo morrer
 porem mandou te dizer
 tens inimigo nas mãos

—Ide descansar lá dentro
 afrontarei os perigos
 prenderei teus inimigos
 ainda que fosse um cento
 ele já dormem e eu entro
 amarrarei um a um
 isso é um fato comum
 ninguem não deve estranhar
 eu sozinho posso entrar
 não deixo solta nenhum

Disse aquile e foi saindo
 e foi logo aos mensageiros
 amarrou os cavalheiros
 que estavam todos dormindo
 o mestre-sala sorrindo
 foi dizendo ao almirante:
 senhor, nesse mesmo instante
 prenti todos cavalheiros
 deixei-os prisioneiros;
 fiz um serviço importante

Foram os pares amarrados
 quando no salão dormiam
 innocentes não sabiam
 que ali seriam algemados
 de manhã foram levados

ao almirante Balão
que perguntou por Roldão
e os outros mensageiros
se eles eram cavalheiros
do imperador cristão

Ali Roldão respondeu:
se ainda não conhecia
o carrasco da Turquia
repare bem que sou eu
braço que nunca torceu
milhões de turcos armados
grandes guerreiros afamados
vassallos velhos escolhidos
por mim já foram abatidos
estão no livro dos finados

—Eu venho em comissão
do meu tio imperador
que manda dizer ao senhor
que se fizesse cristão
do contrário em sua mão
havia de se acabar
ele havia de botar
sobre si exemplo ou mostra;
o senhor dê-me a resposta
que é necessário levar

—Eis aí, caro senhor
disse animado Roldão
o almirante Balão
ficou se ardendo em furor
com aspecto aterrorador
chamou seus subordinados
mandou que fossem queimados
todos esses mensageiros
com mais cinco cavalheiros
que estavam encarcerados

Quando a noticia chegou
 aos ouvidos da princesa
 ela com essa surpresa
 meia hora não falou
 por Oliveiros chamou
 e lhe disse: se disponha
 minha aflicção é mendonha
 só vós podeis me valer
 antes me deixe morrer
 e salve a Guy de Borgonha!

—Pra meu pai me entregá-los
 disse ela—vou pedir
 se nada lá conseguir
 vocês vão daqui tomá-los
 tem boas armas e cavalos
 vocês fiquem prevenidos
 clhem que estamos metidos
 onde qualquer um não vai
 e o povo de meu pai
 são turcos muito atrevidos

No mesmo instante Oliveiros
 deu pressa a tudo se armar
 e no campo não deixar
 matarem seus companheiros
 Floripes em desesperos
 sobre uma cadeira cai
 num terno pranto se esvai
 e disse ao grande Oliveiros:
 resgate os prisioneiros
 inda que matem meu pai

Saiu e foi ao Balão
 chorando, porem fingida
 muito queixosa e sentida
 pelo seu querido irmão
 entrou pela multidão

falando com arrogância
sem apresentar mudança
indagou quem eram aqueles
perguntou se eram eles
os cavalheiros de França

Respondeu o almirante:
estes malditos que vês
mataram quatorze reis
ontem à tarde num instante;
uma morte agonisante
tambem hoje hei de lhes dar
hei de mandá-los matar
no campo, bem cruelmente
a morte de minha gente
assim há de se vingar!

Disse a princesa: é verdade
deve os levar amarrados
matá-los todos queimados
com a maior crueldade
porem já é muito tarde
meu pai precisa comer
primeiro mande dizer
a todos nossos parentes
porque ficarão contentes
vendo-os no campo morrer

—Me entregue os prisioneiros
eu levo estes condenados
destes amaldiçoados
serei um dos carcereiros
estes sete carneiros
hei de ajudar a matá-los
e com minhas mãos queimá-los
para vingar meu irmão;
o almirante Balão
lhe disse: pode levá-los

Disse-lhe ali Sortibão:
 e senhor adverte bem
 porque na mulher contém
 um armazem de traição
 e deve ter precaução
 andar seguro e direito
 muitas mulheres têm feito
 os homens se arrependarem
 e só chegam a conhecerem
 quando não podem dar jeito

Floripes estremeceu
 disse ali a Sortibão:
 por teu falso coração
 vens tu calcular o meu?
 falso pode ser o teu
 onde não há sentimento
 porém marques o momento
 um dia hei de me vingar
 e tu hás de me pagar
 este teu atrevimento

E ordenou aos soldados
 levarem os prisioneiros
 disse ali aos cavalheiros:
 levantem-se, desgraçados!
 e lá seguiram algemados
 na frente, ela indo atrás
 e disse aos oficiais:
 faz favor tudo voltar;
 mandou aos presos trancar
 na câmara de Ferrabraz

Como ficou Oliveiros
 quando chegou no salão
 vendo algemado Roldão
 e os outros cavalheiros
 disse ele: companheiros

não façam por ter demora
 olhem que estamos na hora
 soltemos nossos irmãos;
 quebraram os ferros das mãos
 deixou os pedaços fora

Foi entrando Lucrafé
 primo e noivo da princesa
 como foi sua surpresa
 vende o conde de Nemé
 que se firmando num pé
 aproveitou bem a hora
 o turco quis ir embora
 deu-lhe o duque tal pancada,
 com o gume da espada
 tirou-lhe a cabeça fora

Floripes admirada
 disse: por teu evangelho
 nunca julguei que um velho
 desse tão grande pancada!...
 • duque disse: isto é nada
 muito mais já tenho feito
 eu pegando um turco a jeito
 não me faltando a espada
 lasco duma cutilada
 da cabeça até ao peito

Disse Floripes: vou ver
 pela côrte o que é que há
 vendo alguma coisa lá
 eu volto e venho dizer
 vocês não deixem de ter
 muita grande precaução
 direi a meu pai então
 que almoce, estou indisposta
 devido aquela resposta
 que sofri de Sortibão

Deixo de mencionar
 caso pouco interessante
 torna-se muito maçante
 não convem o relatar
 tanto o espaço não dar
 para tudo que passou-se
 contarei como tomou-se
 a ponte de meio a meio
 como Carlos Magno veio
 e como Floripes cascou-se

Na hora da refeição
 tudo ali se descuidou
 Oliveiros enfrentou
 o almirante Balão
 esse quando viu Roldão
 viu que a vida estava cara
 a salvação era rara
 saltou duma das varandas
 chegaria em duas bandas
 se um turco não apara

Veio um rei dos mais valentes
 a Roldão com a espada
 Roldão numa cutilada
 o partiu até os dentes
 vieram mais dois parentes
 partiram na mesma hora
 Roldão ali sem demora
 disse a um turco: conheça;
 deu-lhe um golpe na cabeça
 tirou-lhe o pescoço fora

Investiram os cavalheiros
 às forças do almirante
 Roldão, Ricarte adiante
 na retaguarda Oliveiros
 Geraldo e os companheiros

matavam sem piedade
 os turcos em quantidade
 partiram aos pares de França
 já não restava esperança
 todo esforço era debalde

Voltaram os cavalheiros
 da torre conta tomaram
 os turco ali os cercaram
 julgando-os prisioneiros
 Roldão, Ricarte, Oliveiros
 Guy de Borgonha e Geraldo
 cada qual mais separado
 diziam aos companheiros:
 para doze cavalheiros
 não vemos exército armado.

Um dia faltou comida
 às damas e aos cavalheiros
 Roldão disse a Oliveiros:
 perdi o amor da vida
 tem uma dama caída
 e outra já desmaiada
 lançarei mão da espada
 e sairei nesse instante
 a tenda do almirante
 hoje é por mim atacada

E saíram os cavalheiros
 ficou na torre um somente
 então seguiram na frente
 Tietre e Oliveiros
 vieram os turcos ligeiros
 já corriam muito adiante
 era um comboio distante
 que vinha com mantimento
 vinha trazer alimento
 ao povo do almirante

Os pares ali avançaram
servindo-se das espadas
doze azêmolas carregadas
dos inimigos tomaram
mais de mil turcos mataram
numa batalha medonha
como não há quem suponha
que houvesse tal mortandade
por uma casualidade
prenderam Guy de Borgonha

O almirante Balão
mandou que o algemasse
de manhã o enforcasse
perante a população
transpassava o coração
ver Floripes tão formosa
aos pés dos pares chorosa
dizer: Roldão valoroso
vai resgatar meu esposo
duma morte tão penosa!

Foram oito cavalheiros
Roldão foi na dianteira
Posim numa costaneira
na retaguarda, Oliveiros;
com dezoito mil guerreiros
o prêso vinha escoltado
porem Roldão e Ricardo
entre os maiores perigos
tomaram-no dos inimigos
antes de serem enforcados

Os pares nessa agonia
já quase sem esperança
e Carlos Magno na França
de nada disso sabia
disse Oliveiros que ia

a Carlos Magno avisar
para vir auxiliar
naquele grande perigo
disse o duque: meu amigo
eu irei em seu lugar

Ricarte por derradeiro
disse aos outros: vou sozinho
se eu morrer deixo 1 filhinho
que há de ser bom cavalleiro
s'eu morrer morre 1 guerreiro
não tem o que admirar
não morrendo, hei de chegar
o almirante se apronte;
disse Roldão: mas a ponte
como tu hás de passar?

Disse Ricarte: parece
que no horror mais profundo
ao homem no meio do mundo
Deus em pessoa aparece
sobe a morte a vida desce
e ali não há quem vá
fiquem descansados cá
embora perigo encontre
porem passo pela ponte
ou fica o cadáver lá

De madrugada saiu
em bom cavalo montado
de lança e espadas armado
dos outros se despediu
um exército turco o viu
e tomou-lhe logo a frente
mas o guerreiro valente
ali não teve receio
e do reforço que veio
quase que não fica gente

Antes da noite chegar
desceu Ricarte a um baixio
e viu nas águas do rio
um veadinho passar
ele ali pôs-se a pensar
que o veado fosse alguém
disse consigo: não tem
sem ser Deus quem tanto faça
e como um veado passa
eu vou e passo também

E ali se preparou
a Deus entregando a alma
entrando com toda calma
o rio ele atravessou
Galafre de fora olhou
disse muito admirado:
creio que aquele danado
não é francês e nem mouro
tem o diabo no couro
ou é um ente encantado!

Ricarte então avançou
quando muito tinha andado
viu o cavalo suado
numa sombra se apeou
o rei Clarião chegou
e lhe disse: cavalheiro
você está prisioneiro;
foi logo o ameaçando
Ricarte disse se armando:
havemos de ver primeiro

E metendo-lhe a espada
por sobre o ombro direito
que lascou até ao peito
com uma só cutilada
a força estava arrasada

Ricarte pôde se armar
 e tratou de se montar
 no cavalo que o rei vinha
 que todos sinais bons tinha
 e corria sem cansar

Vinte e três léguas tirou
 nessa jornada que ia
 quando foi no outro dia
 a Carlos Magno chegou
 esse de alegre chorou
 pois estava em desesperos
 pensando que os cavalheiros
 duma só vez os perdeu
 quando Ricarte lhe deu
 notícia dos companheiros

Carlos Magno reuniu
 os grandes de sua côrte
 para ver a sua sorte
 o plano se decidiu
 ali logo o preveniu
 que seguisse o batalhão
 tinha grande precisão
 de pela manhã partir
 precisava destruir
 o almirante Balão

Disse Ricarte: convem
 de madrugada partir
 para amanhã ir dormir
 perto de um ponto que tem
 onde não chega ninguem
 que não seja devorado
 e por ali é trancado
 o reino do almirante
 o vigia é um gigante
 que parece endiabrado

Disse Carlos Magno: então
 não achaste outro lugar
 onde se possa passar?

Ricarte respondeu: não;
 o rio é como um vulcão
 reto como o horizonte
 está do lado oposto um monte
 que forma uma serrania
 só se pode ir à Turquia
 se for por aquela ponte

Carlos Magno perguntou:
 o que havemos de fazer
 para poder obter?

Ricarte ali explicou
 disse: Carlos Magno, eu vou
 com 3 ou 4 na frente
 entremos fingidamente
 se o gigante abrir a porta
 a minha espada o corta
 e passará toda gente

Ricarte foi e bateu
 chamando pelo gigante
 e esse no mesmo instante
 armado lhe apareceu
 olhou mais não conheceu
 perguntou-lhe o que queria
 disse Ricarte que ia
 ao almirante Balão
 fazer-lhe uma transação
 com as joias que trazia

Pode entrar, mostre o que tem
 disse a Ricarte o gigante
 o duque Rigner e Nante
 de lado entraram também
 disse Galafre: convem

sua capa ser tirada
há de ser examinada
a sua mercadoria...
Ricarte ali sem porfia
meteu logo mão à espada

O gigante ali ergueu
a arca por sua parte
deitando 1 golpe em Ricarte
mas esse o corpo torceu
tanto que a arca bateu
numa pedra e nela entrou
Carlos Magno chegou
antes o portão se abriu
o exército o investiu
a ponte então se tomou

Depois da ponte invadida
morto Galafre, o gigante
deram parte ao almirante
da desgraça sucedida
praguejando a própria vida
mandou a força atacar
e a torre derrubar
e matar os cavalheiros
antes que seus companheiros
fossem aos pares se juntar

Os turcos iam subindo
mas as damas preparadas
atiravam-lhes pedradas
iam dez, doze caindo
por mais que viesse vindo
chegava ali e morria
assim ninguém resistia
resolveram se afastar
para não ver se acabar
o exército da Turquia

A ordem assim cumprida
 a torre foi atacada
 não foi um turco à escada
 que lá não deixasse a vida
 parte da torre caída
 um oitão já como um facho
 mas pedras, tijolo e tacho
 tudo que as damas achavam
 sobre os turcos atiravam
 matavam os que estavam em baixo

Ali disse ao almirante
 um soldado que chegava
 que Carlos Magno já estava
 menos de légua distante
 disse a praça: neste instante
 deixei a vila vencida
 cruelmente destruída
 pois os franceses onde vão
 só com a sombra da mão
 arrancam a alma e a vida

Nisso saiu Sortibão
 com dez mil homens armados
 ao chegar foram atacados
 todo esforço foi em vão
 o almirante Balão
 mandou o rel Argolante
 depois mandou mais Burlante
 mas nada se aproveitou
 Carlos Magno atacou
 foi-se tudo num instante

O almirante Balão
 como uma fera bravía
 quis mostrar a covardia
 do imperador cristão
 rugindo como um leão

disse: oh! velho imperador
 hoje estás quase senhor
 de minha força e poder
 vem comigo te bater
 ver quem será vencedor!

O sangue o campo tomava
 provocando piedade
 força em grande quantidade
 de toda parte chegava
 o almirante animava
 aos turcos que resistissem
 com toda força investissem
 mostrassem qu'eram guerreiros
 para que os cavalheiros
 com os outros não se unissem

Os cavalheiros cercados
 viram outra força que vinha
 Carlos Magno já tinha
 perdido muitos soldados
 saíram dez bem armados
 entre os turcos se meteram
 parte dos turcos correram
 com a presença dos pares
 todos aqueles lugares
 de cadáveres se encheram

O almirante Balão
 desesperado investiu
 como uma fera partiu
 a um cavalleiro cristão
 com tanta disposição
 peito a peito o enfrentou
 o cristão se desviou
 e se livrou da espada
 mas aquela cutilada
 o cavalo lhe matou

Sem atender mais alguém
 o cavalheiro em flagrante
 investiu ao almirante
 matou o dele também
 com orgulhoso desdém
 o rei turco conheceu
 um cristão se enfureceu
 e disse: é o almirante!...
 e naquele mesmo instante
 o cavalheiro o prendeu

O almirante Balão
 vendo-se ali indefeso
 foi obrigado a ir prêso
 ao imperador cristão
 esse com bom coração
 como amigo o recebeu
 pedindo-lhe esclareceu
 que aos ídolos não adorasse
 disse que se batizasse
 que entregava o que era seu

Ali chegou Ferrabraz
 aos seus pés se ajoelhou
 banhado em pranto rogou
 não adorar ídolos mais
 dizendo: é satanás
 que vive o perseguindo
 meu pai qu'está se iludindo
 quando o Eterno o chamar
 o senhor há de chorar
 o demônio entra sorrindo

—Se meu pai fosse cristão
 como Carlos Magno é
 se lutasse pela fé
 tivesse religião
 não indo contra a razão

como um rei cristão não vai
 pois da lei de Deus não sai
 se em Deus tivesse esperança
 nem dez mil pares de França
 não venceriam meu pai

—Oh! meu pai, o senhor tendo
 um grande exército valente
 e doze homens somente
 resisti-lo combatendo?!
 Galafre um gigante horrendo
 que em guerra tinha arte!
 todo mundo viu Ricarte
 que ninguem pôde pegá-lo
 e atravessou a cavalo
 o rio de parte a parte?

Por rogos de Ferrabraz
 o almirante Balão
 prometeu ser um cristão
 porem depois não quis mais
 era crença de seus pais
 não quis deixá-la por nada
 um murro de mão fechada
 no arcebispo ele deu
 nas pontas dos pés se ergueu
 cuspiu na pia sagrada

O filho inda quis salvá-lo
 mas o pai era um horror
 tanto que o imperador
 mandou no campo matá-lo
 depois mandou sepultá-lo
 com honras de soberano
 ele era um impio profano
 mas Deus que o castigasse
 porem devia enterrar-se
 porque tambem era humano

Agora vamos tratar
Floripes como ficou
quando da torre avistou
Carlos Magno marchar
quando foi a visitar
e dar-lhe agradecimento
com grande contentamento
Floripes o abraçou
Carlos Magno marcou
o dia do casamento

Carlos Magno mandou
que o arcebispo aprontasse
tudo quanto precisasse
o arcebispo aprontou
Floripes se batizou
como tinha projetado
ficou tudo descansado
de uma luta agonizante
no reino do almirante
com todo povo ao seu lado

Ficou a Turquia em paz
a guerra se concluiu
Carlos Magno dividiu
o reino em partes iguais
deu metade a Ferrabraz
com toda legalidade
ele de boa vontade
com isso se conformou
Guy de Borgonha ficou
com a mesma quantidade

Disse a Guy e a Ferrabraz:
 qualquer de vocês é dono
 fiquem regendo o trono
 não façam coisas demais
 façam governos leais
 hoje tenho de partir;
 cuidou em se despedir
 levantou o estandarte
 via-se ali de parte a parte
 gente gemer e cair

E Floripes soluçando
 a Carlos Magno abraçou
 uma dama desmaiou
 e caiu-lhe aos pés chorando
 Carlos Magno as consolando
 porem de nada sabia
 porque todos da Turquia
 botaram nos corações
 de Carlos Magno as ações
 a todo mundo prendia

Que hora penalizada
 quando a bandeira se içou
 e a corneta tocou
 a marcha de retirada!
 a força em marcha avançada
 numa tristeza medonha
 como a esposa que sonha
 que está doente morrendo
 eram os soldados dizendo
 adeus a Guy de Borgonha

Foi penosa a despedida
do imperador cristão
Guy de Borgonha e Roldão
soluçavam na partida
Floripes triste e sentida
abraçou os cavalheiros
principalmente os primeiros
que à torre foram chegados
soluçavam abraçados
Ferrabraz e Oliveiros

Guy de Borgonha chegou
sem a mínima expressão
quando seu primo Roldão
banhado em pranto abraçou
quis falar mas não falou
com o duque de Nemé
Geraldo de Mondéfé
e Tietre de Dardanha
teve tristeza tamanha
que ficou suspenso em pé

F I M - Juazeiro do Norte, 20/1/77

Literatura de Cordel

José Bernardo da Silva Ltda.

Grande variedade de folhetos e orações.

R. Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce

AGENTES:

EDSON PINTO DA SILVA

Mercado S. José—Compartimento N. 7
Recife — Pernambuco

ANTONIO ALVES DA SILVA
Rua Clodoaldo de Freitas, 707
Terezina Piauí

JOÃO SEVERO DA SILVA

Travessa Dr. Carvalho, 70 — Bayeux
R. Silva Jardim, 836 — João Pessoa-Pb
E Rua Sátiro Dias, 1457
Alecim — Natal — R. N.

MARIA JOSÉ SILVA ARRUDA

QE 24 — Conjunto D — Casa 9
Guará 2 — Brasília — DF

SEVERINO JOSÉ DOS SANTOS

Rua Eng. Paulo Lopes, 695
Lote 4, final de Onibus, 745 Cascadura
Bangu — Rio de Janeiro — RJ

ARTHUR PEREIRA DE SALLES

Av. Santana do Ipanema, 315
Bairro Cruz das Almas — Maceló — Al.



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).